

HOMEM, CULTURA E EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA DE MATO GROSSO DO SUL COM
O PARAGUAI NO CICLO DA ERVA-MATE (1883-1947): UMA ANÁLISE NA OBRA DO
MEMORIALISTA HÉLIO SEREJO¹

*Man, culture and education in the border between Mato Grosso do Sul and Paraguay at
erva-mate cycle (1883-1947): an analysis of the memorialist Hélio Serejo's work*

Alice Felisberto da Silva²
Jacira Helena do Valle Pereira³

RESUMO

No presente artigo, o foco é a educação desenvolvida na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai no Ciclo da Erva-Mate (1883-1947), a partir da análise da obra “Carai”, do memorialista Hélio Serejo. O objetivo geral da pesquisa que originou este artigo foi estudar como o homem se constitui nos processos educativos, considerando que esses não se restringem à escola, e como essa constituição é retratada na obra de Serejo. Do ponto de vista metodológico, realizou-se uma investigação com dados qualitativos, por meio da análise de conteúdo. O estudo revelou que a educação à qual os trabalhadores aqui referidos tiveram acesso foi a não-formal – realizada na escola do trabalho – e a informal – desenvolvida nas trocas culturais estabelecidas na fronteira internacional Brasil-Paraguai.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Hélio Serejo; Fronteira.

ABSTRACT

In this article, the focus is the education established in the border between Mato Grosso and Paraguay at Erva-Mate Cycle (1883-1947), based on the analysis of the Hélio Serejo's work, entitled “Carai”. The general objective of the research that originated this article was to study how the man constitutes himself in the education, considering that it is not restricted to school, and how this constitution is shown in the Hélio Serejo's work. About the methodology, an investigation was done with qualitative data, through content analysis. The study revealed that the worker's education was the non-formal – achieved at the school of work – and the informal – developed in the cultural exchanges established in the international border Brazil/Paraguay.

Keywords: Education; culture; Hélio Serejo; Border.

¹ Pesquisa realizada mediante apoio do CNPq.

² Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadora Pedagógica no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. E-mail: alicefsonline@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: jpereira.dou@terra.com.br. 3 Pesquisa realizada mediante apoio do CNPq.

O presente texto aborda os resultados da investigação realizada, na qual foi analisada a obra “Cara”, do memorialista Hélio Serejo⁴, com o objetivo de identificar o homem e a educação na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai no Ciclo da Erva-Mate (1883-1947). O objetivo geral da referida pesquisa foi estudar como o homem se constitui nos processos educativos, considerando que estes não se restringem à escola, e como essa constituição é retratada na obra de Serejo, para compreender a educação e a fronteira no Ciclo da Erva-Mate. A metodologia empregada foi a análise de conteúdo.

O objetivo é evidenciar a importância das obras memorialísticas para os estudos historiográficos em Educação. Para tanto, é realizada uma discussão a partir de autores que defendem essas fontes e é abordado o papel do pesquisador no processo de análise. São revelados, ainda, os procedimentos adotados na realização da pesquisa que origina este artigo e, posteriormente, é apresentada parte da análise desenvolvida, no que se refere ao processo educativo dos trabalhadores da erva-mate.

O texto está dividido em quatro tópicos: no primeiro, intitulado “Fontes memorialísticas: sua relevância para a história da educação”, são discutidas as contribuições das obras memorialísticas – e particularmente os registros de Hélio Serejo – para as pesquisas em História da Educação. No segundo tópico, “Caminhos da pesquisa: explorando e analisando a obra de Hélio Serejo”, é feita uma breve exposição sobre a forma como o trabalho foi desenvolvido, desde a seleção da obra analisada até a técnica aplicada para a referida análise. No terceiro tópico, “Homem, cultura e educação na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai no Ciclo da Erva-Mate (1883-1947): uma análise na obra do memorialista Hélio Serejo”, são apresentados brevemente o contexto da fronteira estudada e a educação dos trabalhadores que ali viviam. Por fim, nas “Considerações finais”, são sintetizadas as discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Fontes memorialísticas: sua relevância para a História da Educação

A intenção, na pesquisa desenvolvida, foi olhar para o passado por meio da análise das obras de Hélio Serejo, mas com a consciência de que os fatos ali narrados não são neutros, já que refletem, além da realidade vivenciada, concepções e interpretações dos fatos reais elaboradas pelo autor. Por outro lado, sabemos que “[...] o conhecimento não é fruto da atividade isolada do ser humano, ao contrário, tem um caráter coletivo, mesmo quando formulado ou difundido por um único homem. O homem vive em sociedade e é a partir desta vida que as idéias são criadas.” (SAVIOLI, 1986, p. 2 *apud* PIMENTEL, 2001, p. 192).

⁴ Hélio Serejo (Nioaque/MS, 1º de junho de 1912 – Campo Grande/MS, 8 de outubro de 2007) foi um escritor, jornalista, poeta e folclorista sul-mato-grossense. Também exerceu várias atividades como funcionário público. Durante sua juventude, teve contato com o dia-a-dia dos trabalhadores dos ervais da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Nesse período, conheceu todo o processo de produção da erva-mate, as diferentes funções que a envolviam, os desafios, o ambiente e a cultura que ali se desenvolviam. Serejo tinha o hábito de registrar tudo o que observava e ouvia. Dessas anotações originaram-se as suas obras memorialísticas. Centeno (2007) observa que a origem de classe de Hélio Serejo, na condição de pequeno proprietário dependente da Companhia Matte Laranjeira (atividade que iniciou com seu pai), foi determinante para o seu olhar sobre a realidade da fronteira e, por sua vez, na composição de sua obra. Pela proximidade do autor com o dia-a-dia dos trabalhadores dos ervais, foi possível que ele enxergasse a empresa além dos seus proprietários e articulações políticas, reconhecendo o esforço dos trabalhadores – sem os quais a mesma não haveria se desenvolvido. Embora em sua obra também sejam narradas as trajetórias de algumas das pessoas que detinham o poder na Companhia, é marcante a preocupação do autor em retratar as vivências dos trabalhadores.

Sendo assim, qual a relevância dos estudos com fontes historiográficas memorialísticas? Quais as contribuições dessas análises para o conhecimento da história?

Alves (2003, p. 34) defende que os trabalhos de cronistas regionais “[...] contêm numerosas indicações de fatos e de eventos educacionais, além de precisarem datas e personagens envolvidos. Importantes, sobretudo, são os relatos sobre situações vividas e testemunhadas diretamente pelos autores.”.

Além dessa questão, há que se considerar que a obra do memorialista tem um alcance maior do que os trabalhos acadêmicos, no que se refere ao acesso. Dessa forma, emerge a importância de tomar essas obras como objeto de análise, extraindo delas o máximo possível de seu potencial narrativo, sistematizando seus registros e elucidando elementos subjacentes. A obra do memorialista é, nessa perspectiva, uma fonte primária⁵ de significativo potencial analítico que pode trazer conteúdos dificilmente encontrados em outras fontes documentais⁶, já que estas, na maioria das vezes, trazem conteúdos mais pontuais – como é o caso dos documentos oficiais.

Ao se propor o trabalho com fontes de um memorialista, faz-se necessário discutir a questão da subjetividade dessa memória e sua conexão com a objetividade das relações sociais. Com essa discussão, não se pretende estabelecer uma dicotomia - o que empobreceria a compreensão da realidade -, mas possibilita-se uma visão não ingênua sobre as narrativas do autor.

Considera-se a necessidade de se conhecerem as configurações da organização social no período retratado. Essa análise subsidia ao pesquisador uma “leitura das linhas e entrelinhas”, de modo que se compreenda não apenas o que está dito, mas também o que está oculto.

No que se refere à memória, ressalta-se que esta é fruto das próprias relações sociais, não é algo “inventado”, assim como não pertence apenas a um indivíduo. Conforme afirma Halbwachs (2004, p. 58):

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo.

⁵ “Podemos chamar de fontes primárias aquelas que foram produzidas em relação direta com o tema estudado. São fontes primárias, por exemplo, as obras de um autor estudado. Elas devem ser relacionadas ao tema e à temática da pesquisa.” (TOLEDO; GIMENEZ, 2009, p. 110).

⁶ Ao se defenderem as fontes memorialísticas como objeto de análise, não se está, de modo algum, prescindindo da importância das demais fontes documentais. Defende-se, apenas, que o estudo dessas fontes depende do enfoque da pesquisa, dos objetivos estabelecidos, sendo os procedimentos metodológicos definidos num momento posterior a essas questões. “Trata-se, então, de uma escolha, ou melhor, de uma série de escolhas que o pesquisador faz na fase do planejamento e também da execução de sua pesquisa. Ele seleciona as suas fontes e, para fazê-lo, deve considerar como fatores decisivos, a pertinência ao tema estudado e a acessibilidade das fontes. Esse material torna (sic), assim, para o pesquisador, o conjunto de suas fontes de pesquisa. Delas saem os mananciais de interpretação (Saviani, 2004, p. 4-7).” (TOLEDO; GIMENEZ, 2009, p. 110).

Diante do pressuposto de que a identidade e a memória se constituem socialmente, as obras dos memorialistas consistem numa importante fonte para as pesquisas historiográficas. No entanto, qual a postura do pesquisador ao lidar com essas fontes?

Reitera-se a necessidade de um pesquisador que assuma um papel crítico diante das fontes estudadas, fundamentando-se teoricamente e buscando outras fontes de pesquisa, as quais podem ser levantadas segundo os dados, lacunas e demais questões que emergirem no próprio processo de investigação.

Ao serem analisadas com o devido rigor, as fontes de memorialistas podem ser de grande contribuição à pesquisa educacional, na medida em que revelam as vivências dos sujeitos, as relações estabelecidas, os percalços enfrentados e, partindo da compreensão do papel desempenhado pela educação – compreendida como um processo de inserção desses indivíduos nos diferentes espaços sociais e também como um produto dessas mesmas relações – tais narrativas podem elucidar questões educacionais.

É notória a relevância do trabalho de Hélio Serejo para Mato Grosso do Sul. A partir do contato com sua biografia, essa questão se torna ainda mais evidente. Apesar de todos os seus compromissos, seus anseios pessoais e das dificuldades que enfrentou, Serejo alimentou profunda admiração e curiosidade pelo seu próprio cotidiano, de modo que sempre buscou saber mais sobre as vivências de seu meio. Era um jovem com olhar e ouvidos atentos ao que os trabalhadores dos ervais tinham para contar, às técnicas, desafios, costumes e crenças que envolviam a atividade ervateira, aos personagens de um modo geral ou individual e, como se não bastasse esse interesse, também teve a iniciativa de registrar as suas descobertas, para então compartilhá-las com aqueles que nutrissem a mesma curiosidade. O conteúdo de suas obras é bastante variado, assim como seu formato. Embora sejam predominantes os textos sobre a erva-mate, também há os que abordam sobre folclore, paisagens, animais, fenômenos da natureza etc. É necessário reconhecer o valor da iniciativa de Hélio Serejo ao buscar dar “voz” àqueles homens e mulheres que, ainda que não conhecessem as letras, tiveram a possibilidade, pelas mãos desse memorialista da fronteira, de ter as suas vivências registradas.

No que se refere ao conhecimento acerca da educação dos trabalhadores, Hélio Serejo tem muito a contribuir. Embora sua obra não faça referência direta à questão, o processo educativo está implícito em seu relato, já que faz parte das próprias relações estabelecidas no grupo e consiste na constituição deste, como um meio de incorporação da cultura e parte da relação de trabalho.

Caminhos da pesquisa: explorando e analisando a obra de Hélio Serejo

O acesso às obras de Hélio Serejo foi possibilitado a partir da iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), que editou e publicou, em 2008, todas as obras do autor. Tal disponibilização das obras foi significativa para o estudo, pois viabilizou que se obtivessem todas as obras, já organizadas.

Segundo Hildebrando Campestrini que trabalhou na Coleção, essas totalizavam, originalmente, 60 (sessenta) obras. Para a publicação das Obras Completas, no entanto, as

produções foram reorganizadas, retirando-se alguns textos repetidos ou que pertenciam a outros autores (com exceção daqueles referentes à introdução ou prefácio), e aquelas obras que se reduziram demasiadamente foram reunidas no livro “Textos Esparsos”.

Dessa organização, obtiveram-se 50 livros, - organizados em nove volumes e sob autorização do próprio Serejo. Para o presente trabalho, analisa-se a obra “Carai”. Esta foi selecionada devido ao seu conteúdo vasto e variado - já que foi uma obra elaborada para um concurso de monografias sobre o Ciclo da Erva Mate, promovido pelo Instituto Euvaldo Lodi, no ano de 1986. A obra foi classificada em 1º lugar no referido concurso, o que demonstra sua relevância. Nela, Serejo buscou retratar ao máximo as vivências dos trabalhadores, articulações políticas e outros acontecimentos do período. Na referida obra, Serejo ([1986] 2008) faz uma minuciosa descrição sobre a origem da erva-mate, o trabalho empregado para sua produção, as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, etc. As demais obras que contemplam a temática também foram consideradas, de modo a trazer elementos complementares à discussão. A metodologia empregada consiste na análise de conteúdo:

[...] actualmente, e de um modo geral, designa-se sob o termo de análise de conteúdo: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação [...] (BARDIN, 2006, p. 37, grifo do autor).

Após a seleção da obra “Carai”, procedeu-se da seguinte forma para a análise de conteúdo:

1. Organização do conteúdo da obra em quadros
 - 1.1. Foram organizados quatro quadros: no primeiro, são extraídas as temáticas abordadas; no segundo, as temáticas são organizadas, de modo a facilitar a extração das categorias; no terceiro, são agrupadas as categorias referentes às relações sociais estabelecidas na área de fronteira; e no quarto, são agrupadas as categorias referentes à educação dos trabalhadores dos ervais.
2. Análise
 - 2.1. A análise consiste na interlocução entre os trabalhos conceituais e de historiografia com as memórias de Hélio Serejo, a partir das categorias levantadas;
 - 2.2. Os textos de apoio que enriquecem a análise são incluídos, de modo a trazer detalhes que porventura não estejam presentes na obra selecionada.

O trabalho de seleção e análise das obras demanda um ir e vir constante, com leituras inicialmente panorâmicas e posteriormente mais aprofundadas. Porém, para iniciar a seleção, é necessário que o pesquisador tenha claro o que pretende buscar, ou seja, tenha

os seus objetivos bem delimitados, tanto para não tornar o trabalho demasiadamente amplo, quanto para extrair ao máximo os dados que interessam à pesquisa.

Homem, cultura e educação na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai no Ciclo da Erva-Mate (1883-1947): uma análise na obra do memorialista Hélio Serejo

Antes de expor especificamente a análise sobre o processo educativo, é importante que se apresentem as relações sociais na fronteira no período estudado. Essa discussão contribui para a compreensão de quem foi o homem dos ervais mato-grossenses e, por sua vez, em que condições se desenvolveu a sua educação.

A fronteira é um espaço em que as trocas culturais e materiais ganham uma maior dimensão. Consiste mais do que num limite, mas numa “zona de contato” e necessita ser entendida como um espaço historicamente constituído, formado por conflitos de interesses.

[...] a problemática da fronteira vai muito além de seus aspectos naturais e geográficos, importando muito mais a complexidade dos fatores históricos que explicam a ocupação econômica desse determinado espaço e as implicações políticas daí decorrentes. É dessa forma que devem ser tratadas as fronteiras do continente americano, que apresentam contextos e problemáticas muito diversas das fronteiras em outros pontos do mundo, pela especificidade de seus processos históricos (CORRÊA, 1997, p. 44-45).

Segundo Corrêa (1997), devido ao processo de colonização, as fronteiras da América Latina apresentam uma particularidade, já que a sua constituição não dependeu apenas de uma expansão interna, mas também recebeu uma influência externa. “Nesse sentido é que se pode compreender a fronteira do Sul mato-grossense como parte integrante de um processo global de formação de fronteiras no continente americano.” (CORRÊA, 1997, p. 45). Ao fazer tal discussão, a referida autora reforça a necessidade de se conhecer a constituição das fronteiras na sua articulação com o movimento do capitalismo.

[...] a dimensão regional deve ser compreendida através da sua articulação com mercados inter-regionais e externos, estes compreendidos pela região platina, pressupondo a diversidade de relações internacionais com o Paraguai, com a Argentina, com a Bolívia e com o Uruguai. Tal articulação não é apenas espacial, mas, sobretudo, econômica: Mato Grosso inseriu-se na economia mercantil exportadora que, grosso modo, predominou em todas as ex-colônias americanas em estreita vinculação ao mercado mundial emergente nessa época. Em consequência, Mato Grosso, também, fez parte das relações de poder e da luta pela hegemonia do continente. (CORRÊA, 1997, p. 174-175).

Quanto à configuração das fronteiras na Bacia do Prata, a autora afirma que, na segunda metade do século XIX, estas não foram definidas apenas por mediações e arbitragens internacionais, para a solução de conflitos entre Brasil e Argentina – passando pelo Uruguai e pelo Paraguai –, mas também pela tendência da fase imperialista que

consistiu na partilha e incorporação econômica e territorial, o que acabou por definir posições entre ricos e pobres, dominantes e dominados, industrializados e periféricos. A autora também cita o aparecimento dos Estados Unidos como potência capitalista, o que completou o cenário para o embate imperialista e dividiu o globo em “áreas de influência”. (CORRÊA, 1997).

A exploração dos ervais na região sul de Mato Grosso fez parte de um movimento expansionista interno, que consistiu, conforme defende Corrêa (1997), num processo de ocupação e conquista das fronteiras internas da Bacia do Prata devido à dinamicidade do mercado exportador-importador. Nesse movimento, houve a geração de economias monoculturais e extensivas “[...] vulneráveis devido à falta diversificação e sujeitas aos altos e baixos inerentes a essas atividades e, ainda, dependentes de circunstâncias externas (por exemplo, de variações de preços em mercados internacionais) ou ambientais (enchentes ou secas extraordinárias).” (CORRÊA, 1997, p. 181-182).

Ainda segundo a autora, tal movimento alterou o contexto das forças sociais e políticas regionais, já que passaram a ser exploradas terras que antes pouco significavam para o mercado global. Esse processo de incorporação de terras no continente sul-americano, além de ter sido impulsionado pelo desenvolvimento da economia mercantil exportadora, segundo Corrêa (1997), também foi influenciado por pelo menos três outros fatores ligados às relações capitalistas no período:

- 1) *O movimento migratório, tanto interno quanto externo, que redefiniu antigos núcleos populacionais* – No caso da região sul de Mato Grosso, isso se deu de forma lenta e gradual no final do século XIX;
- 2) *A Abolição da mão-de-obra escrava* – Em Mato Grosso, no entanto, houve a exploração do trabalho compulsório – entendido aqui como “[...] todas as formas não oficiais ou legais de escravização de mão-de-obra, trabalhos forçados e trabalho de prisioneiros de guerra.” (CORRÊA, 1997, p. 183) – como ocorrera nos ervais;
- 3) *O regime de posse extensiva da terra com a incorporação de terras inexploradas, para a produção em larga escala* - “Uma das consequências mais relevantes do regime de latifúndio em Mato Grosso foi a formação de uma elite de proprietários rurais, que passou a atuar na política regional ao lado dos fortes comerciantes dos centros urbanos ao longo dos grandes rios.” (CORRÊA, 1997, p.185). Os conflitos decorrentes da divergência de interesses desses grupos tinham um caráter imediatista, relacionado apenas à manutenção ou mudança dos privilégios no campo político, no que se refere aos cargos administrativos ou ao processo eleitoral. Tal situação caracterizou os movimentos políticos em Mato Grosso no primeiro período republicano. Foi o que ocorreu no caso dos conflitos entre os coronéis do norte e do sul do Estado e do movimento separatista sulino.

O conjunto articulado desses fatores – migração interna e externa, mudanças nas relações de trabalho, regime de grande propriedade rural – explicavam, em suas linhas gerais, o processo de ocupação do Sul de Mato Grosso à semelhança de outras regiões continentais: a implantação de fazendas criatórias nos Pantanaís e nos

campos de Vacaria, o desenvolvimento da atividade extrativa ervateira, e os problemas decorrentes do poderoso monopólio da Companhia Matte Laranjeira, a formação de latifúndios e a eclosão de violentos conflitos pela posse da terra entre grandes proprietários, novos posseiros e remanescentes das antigas nações indígenas; o afluxo de ondas pioneiras de ocupação de gaúchos, paulistas, mineiros, goianos, a imigração em massa de paraguaios que fugiam da falta de trabalho e da grande instabilidade política reinante no Paraguai pós-guerra da Tríplice Aliança e o deslocamento de estrangeiros de diversas nacionalidades atraídos pelas oportunidades do intercâmbio fluvial de mercadorias de Mato Grosso pela Bacia do Prata. (CORRÊA, 1997, p. 187).

A autora caracteriza Mato Grosso como uma região fornecedora de produtos exportáveis, com uma expectativa otimista, porém um mercado complementar e periférico. Afirma, no entanto, que a agricultura de alimentos e as manufaturas na região foram medíocres. Aponta a dificuldade que havia para o escoamento das mercadorias, a constante falta de capitais e de força de trabalho, além do contrabando. Mesmo a atuação do Estado para coibir tais irregularidades, por meio das agências fiscais, revelava-se morosa e ineficiente⁷.

A paisagem da fronteira sul do então Mato Grosso era constituída pelos Pantanais, os Campos de Vacaria e a Zona dos Ervais (CORRÊA, 1997).

Nos vales dos rios Ivinhema, Brilhante e Dourados estendiam-se os ervais nativos, que permitiram a extração da erva-mate mato-grossense, tornando-se famosa e rentável pela sua boa qualidade. Os ervais revestiam também a Bacia do Amambá e a Serra de Maracaju, aparecendo na paisagem de moitas tropicais ou em áreas de planícies, campos e cerrados, estes últimos conhecidos em Mato Grosso como “Caatins”. (CORRÊA, 1997, p. 25-26).

Os ervais mato-grossenses passaram a ser explorados no período posterior à demarcação dos limites com o Paraguai, logo após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Corrêa (1999) define a referida Guerra como um “divisor de águas” no que se refere à ocupação da fronteira oeste de Mato Grosso⁸, pois ainda que a província tenha desempenhado um papel secundário no conflito, passou por mudanças significativas principalmente no setor econômico, por receber, a partir de então, influência direta e decisiva da região do Prata.

Na fronteira, pouca coisa restara do período anterior. Uma área devastada pela guerra e por doenças transformara-se numa “terra de ninguém”, sem a presença efetiva das autoridades governamentais - o que favoreceu o crescimento da violência na região. Brasileiros de várias partes do país e estrangeiros – principalmente paraguaios – lutavam pela posse da terra. Corrêa (1999) afirma que diferentemente do que ocorrera a Corumbá – que teve um direcionamento oficial na definição de suas funções econômicas como

⁷ A precária atuação do Estado na região também favoreceu o domínio exercido pela Companhia Matte Laranjeira.

⁸ Segundo Fragoso (1990), em 1872 a região Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso) possuía apenas 2,2% da população brasileira.

entreposto comercial importador e exportador –, a fronteira sul foi ocupada de forma desordenada, principalmente pela existência dos ervais nativos.

No plano político, novos grupos surgiam no sul do Estado e passavam a disputar o poder com as antigas lideranças do norte.

[...] forjaram-se os coronéis fazendeiros e seus peões e camaradas, pequenos agricultores, criadores e comerciantes, bandidos e ervateiros. Estes coronéis da nova frente de ocupação do espaço mato-grossense lutaram durante a Primeira República entre si, pela posse da terra, e contra os grupos oligárquicos do norte, pelo controle político do Estado. (CORRÊA, 1999, p. 34).

A exploração dos ervais nativos mato-grossenses⁹ foi uma das principais atividades econômicas de Mato Grosso no período compreendido entre o final do século XIX e início do XX, além de ter impulsionado o povoamento e desenvolvimento¹⁰ dessa região. A Companhia Matte Larangeira monopolizava a atividade na região e chegou a explorar mais de cinco milhões de hectares, porém a dimensão que tomou a empresa, a extensão de seu domínio, não se media apenas pelos milhões de hectares que abrangia, mas também pela influência política e econômica dentro e fora dos limites do Estado e do País. Pode-se afirmar que, quanto maior o seu poder econômico, maiores os favorecimentos políticos que obtinha e, quanto maior a sua influência política, mais se expandia economicamente¹¹.

A maioria das contratações de trabalhadores para os ervais ocorria no Paraguai, porém também eram realizadas na Argentina. Os trabalhadores recebiam um adiantamento¹², o qual já era gasto, muitas vezes, na própria comemoração que faziam antes de chegar ao Brasil (SEREJO, [1986] 2008, p. 128, v. 6). Não havia, segundo Serejo ([1986] 2008), dificuldade nessa contratação, já que, por um lado, havia falta de trabalhadores brasileiros capacitados para o trabalho nos ervais, e por outro, havia disponibilidade, naqueles países, de pessoas para exercer as mais diversas funções. O que mantinha os trabalhadores nos ervais sul-mato-grossenses eram as crescentes dívidas contraídas nas comissarias pertencentes à empresa ervateira.

Serejo ([1986] 2008) expõe as diferentes funções que envolviam o trabalho, como a de reconhecer as áreas com ervais, extrair, conduzir, secar, bater, ensacar e armazenar as folhas, transportar pelas carretas e embarcações. Sobre esse domínio do conhecimento técnico, Centeno (2007, p. 56-57) afirma:

⁹ Segundo Corrêa (1997), houve um intenso processo de devastação dos ervais, o que era agravado pela extração clandestina e incêndios criminosos causados por ervateiros independentes, contrários ao monopólio da Companhia Matte Larangeira.

¹⁰ Por “desenvolvimento”, entende-se aqui o processo pelo qual determinada sociedade integra-se às relações do modo de produção capitalista. O capitalismo se manifesta de formas singulares ao redor do globo, nas diferentes nações. Desse modo, tomando-se por referência a fase em que o capitalismo se encontra em um determinado momento histórico, passa-se a entender o “lugar” que determinada região ocupa no conjunto dessas relações.

¹¹ Tais questões são devidamente abordadas no trabalho que origina o presente artigo, porém os limites desta discussão não permitem uma exposição mais minuciosa.

¹² A escassez de trabalhadores brasileiros especializados nas atividades ervateiras somada ao endividamento logo no momento da contratação fazia com que os patrões assegurassem a permanência desses no local a partir desse acúmulo de dívidas (CENTENO, 2007, p. 146).

[...] o trabalho nos ervais era manufatureiro, forma histórica que ainda contava com trabalhadores que dominavam sua especialidade. Era trabalho parcial, mas dependente do conhecimento e da habilidade de cada trabalhador especializado em face das operações que lhe correspondiam. Esse domínio teórico-prático do processo de trabalho foi um importante recurso para que os trabalhadores criassem e impusessem certas resistências, tais como o horário para o tereré e um ritmo mais lento em certos momentos do processo de trabalho. Os hábitos descritos por Serejo eram manifestações culturais do trabalhador fronteiriço, hábitos esses ligados ao tipo de trabalho desenvolvido na região.

A autora observa ainda que os trabalhadores eram considerados importantes por serem herdeiros da “tradição guarani”¹³. Aqui se constata uma característica daquelas relações de trabalho: os trabalhadores já obtinham o conhecimento específico de sua função antes de serem contratados, ou iam aprendendo uns com os outros. Alguns sabiam inclusive sobre as demais funções. Apesar da desvalorização de sua força de trabalho, eles usufruíam do conhecimento que detinham, dentro das suas limitações, para manter alguns hábitos de sua cultura, como manter suas crenças e hábitos, utilizar-se de vocábulos da língua guarani, comemorar as datas religiosas, participar de festas e, principalmente, manter um ritmo próprio de trabalho.

Falar-se em coisas dos ervais olvidando as festas da semana santa e de *Nuestra Señora (La Virgen de Los Milagros)* é cometer-se uma falha *imperdonable e una ofensa ao devoto peón de los yerbales*.

Espera pela semana santa com uma sofreguidão indizível. Emprega esforço supremo para *disminuir la cuenta e obtener permisión para salir a fuera e festejar el santificado...* Nem sempre realiza esse desejo. Pagar conta alta é tarefa sempre difícil. Não pagando, fica... é a inflexível lei dos ervais.

[...]

Outra festa que o empolga é o 8 de dezembro. Dia de Nossa Senhora, *La Virgen de Los Milagros*. Nesse dia a *fiesta* pode ser na própria ranchada, porque será uma festa de rezario [...]. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p.24-25).

Os momentos de folga, as festas, faziam parte do cotidiano dos trabalhadores, mas também estavam limitados, como Serejo ([1986] 2008) evidencia, de acordo com a produtividade. Por outro lado, essa resistência¹⁴ consistia também num obstáculo aos patrões. Ao se referir às rodas de tereré, Serejo (2008, v. 5, p. 197), afirma:

¹³ O conhecimento técnico para a produção da erva-mate é uma herança da tradição guarani. Os índios tinham hábito de consumir a erva e, com a vinda dos espanhóis e das missões jesuíticas a planta tornou-se conhecida e explorada. Os que já detinham esse conhecimento sobre a elaboração da erva são citados pelo autor como “mestres”, cuja importância consistiu em passar o que sabiam, os segredos de sua atividade, aos demais. Os jovens aprendizes, chamados de “guainos”, demonstravam obediência e responsabilidade e ouviam com atenção as instruções do mestre.

¹⁴ O termo “resistência” é aplicado aqui com ressalvas. Não se tratava de uma resistência que impedisse a manutenção daquelas relações de trabalho. No entanto, considera-se que aquele grupo de trabalhadores não estava completamente submetido à empresa ervateira, pois mantinham elementos próprios de sua cultura e usufruíam de seus conhecimentos para interferir no seu dia a dia, no exercício das diferentes funções que compunham o trabalho nos ervais.

Disseram já, e é verdade, que o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações amigas: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil. Afirmativa sem *contestación*. Esta bebida *crioja*, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troca, parceria para trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de idéia para a fuga temerária.

Os momentos dedicados às rodas de tereré, por exemplo, não eram apenas uma pausa na execução das tarefas. Embora Serejo ([1986] 2008) afirme que a distância entre as ranchadas impedia a formação de comunidades, havia momentos em que os trabalhadores se reuniam e estabeleciam vínculos, constituindo-se num grupo com interesses comuns, havendo até mesmo a possibilidade de planejarem fugas.

Não havia limite de idade para exercer o trabalho nos ervais, pois dependia apenas da saúde e do vigor físico¹⁵ (CENTENO, 2007). Os jovens acompanhavam os adultos, iam recebendo suas orientações e aplicando-as - aqui, portanto, revela-se uma educação não-formal. Sobre a educação que se desenvolve no local de trabalho, Fernández Enguita (1993, p. 196-197) afirma:

A formação no próprio local de trabalho não requer muitas vezes nenhum procedimento nem técnicas especiais. O próprio desejo de conservar o emprego, no qual geralmente se está à prova, funciona como um “reforço” suficiente para que o trabalhador em formação ponha em funcionamento suas capacidades e aprenda o que querem fazê-lo aprender. Em grande parte dos processos de trabalho, as tarefas podem ser aprendidas mediante sua prática direta sob a supervisão de um encarregado ou um veterano, sem necessidade de um procedimento específico de instrução.

Diante do que o autor discute, observa-se que com os trabalhadores dos ervais essa instrução também necessitava dos “veteranos” - ou “mestres”, como menciona Serejo. A diferença é que, no lugar desse desejo de conservar o emprego devido à concorrência no mercado de trabalho explicitado por Fernández Enguita (1993), havia uma escassez de trabalhadores especializados nas funções para produção da erva-mate. Nesse caso, o que os mantinha naquelas condições de trabalho era a falta de opções de trabalho no seu país. O que se deseja dizer, com isso, é que, ainda que essa instrução não partisse de uma situação de desafio ao “posto” de trabalho – próprio das situações de grande concorrência - havia outras questões que acabavam determinando-a, como a condição precária em que se encontrava o Paraguai após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e o regime de trabalho adotado nos ervais – que envolvia o endividamento do trabalhador.

Ao relatar sobre seu contato inicial com as atividades dos ervais, Serejo ([1986] 2008) afirma que em pouco tempo, cerca de um mês, já havia aprendido várias coisas, pois os trabalhadores demonstravam disposição em ensiná-lo. As conversas que prevaleciam nas ranchadas eram relacionadas ao trabalho e o conhecimento que era adquirido partia dessa oralidade:

¹⁵ Há um texto, intitulado “Dois Hércules”, em que o autor se refere a um guaino de treze anos, morto por uma picada de cobra – a qual estaria escondida entre as folhas do raído que carregava – e cuja carga que trazia às costas era de 118 (cento e dezoito) quilos.

A fala é produto do próprio meio. Chama a atenção de qualquer um pela originalidade. Nada, nesse ambiente, procedeu da cultura dos livros. Nasceu, sim, ali nas ranchadas, nas rodas do cair da noite, nas algazarras da peonada, no instante solene do tereré, na caminhada pelo tapê-hacienda ou na porta das comissarias.

Bate-papo que chega, muitas vezes, a empolgar aquele que pouco ou nada conhece desse lidar de tanta agressividade e sobressalto. Fomos, ao longo do tempo, anotando essa conversação, esses hábitos, esses costumes exóticos, bem como os ditos, que marcam a luta brava e o nascer de um linguajar que veio da erva, como fruto dos causos acontecidos, em todas as ranchadas (SEREJO, [1986] 2008, p. 122, v. 6).

Havia, desse modo, uma linguagem própria dos ervais. A linguagem é entendida aqui como um elemento primordial na constituição do sujeito, pois é ela que medeia o pensamento, o qual tem origem na própria atividade prática. “O pensamento verbal vai se estruturando à medida que a atividade se interioriza. [...] no pensamento, que tem sua origem na atividade prática, age de forma mediada a linguagem, a palavra.” (LEÓNTIEV, 1996, p. 456).

Cada geração começa [...] a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito, mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. [...]. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes (LEÓNTIEV, 1978, p. 3).

O homem, portanto, se constitui numa cultura que se desenvolveu ao longo das gerações e, por sua vez, age sobre essa cultura, transformando-a para as gerações seguintes. Essa questão, no entanto, não pode ser vista apenas sob uma ótica evolutiva, que inferioriza as gerações anteriores em relação às gerações que as sucedem, mas sob uma perspectiva histórica, segundo a qual o homem produz a sua existência de acordo com as necessidades que se colocam à sua vida. O homem se constitui como tal ao ser inserido em uma cultura e essa se constitui também historicamente.

Por sua vez, é necessário considerar que “[...] cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.” (LEÓNTIEV, 1978, p.4, grifo do autor). Sendo assim, o desenvolvimento histórico das aptidões humanas, uma vez posto na sociedade, é apropriado pelo homem por meio da educação.

Revela-se aqui que, tanto o processo educativo é influenciado pelo desenvolvimento histórico, quanto o desenvolvimento histórico também é influenciado pelo processo educativo, pois sem esse as gerações não teriam como se apropriar da cultura e, por sua vez, não poderiam também modificá-la: “O movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação.”

(LEÓNTIEV, 1978, p.7). Há aqui um movimento em que educação, cultura e processo histórico constituem-se mutuamente. As práticas sociais pressupõem um processo educativo e este, por sua vez, corresponde à sociedade em que está inserido o indivíduo.

A constituição do sujeito, o desenvolvimento do homem, se dá a partir da sua relação com outros homens. O desenvolvimento da humanidade e do próprio sujeito ocorre a partir da apropriação, ao longo das gerações, dos conhecimentos e da “evolução” adquirida historicamente. A “fixação” desses conhecimentos se dá pelo processo educativo, sendo que as diferentes sociedades e culturas desenvolvem uma educação específica, determinada pelas necessidades da realidade objetiva. É na relação com a sociedade que o homem se constitui como homem, ao apropriar-se da cultura material e intelectual desenvolvida historicamente.

Leóntiev (1978) também discute sobre a desigualdade social e a divisão do trabalho que fazem com que a cultura intelectual seja distribuída de forma desigual:

A divisão social do trabalho tem igualmente como conseqüência que a atividade material e intelectual, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo se separem e pertençam a homens diferentes. Assim, enquanto *globalmente* a atividade do homem se enriquece e se diversifica, a de cada indivíduo *tomado à parte* estreita-se e empobrece. Esta limitação, este empobrecimento podem tornar-se extremos, sabemos-lo bem, quando um operário, por exemplo, gasta todas as suas forças para realizar uma operação que tem de repetir milhares de vezes. A concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos. (LEÓNTIEV, 1978, p. 8-9, grifo do autor).

No que se refere aos trabalhadores dos ervais, há que se considerar que o conhecimento daquela atividade, embora não envolvesse conteúdos escolarizados, partia de suas necessidades práticas, como por exemplo, os cálculos matemáticos. Os costumes e crenças que perpassavam todas aquelas vivências também são elementos culturais que, passados pelas gerações, compõem a visão de mundo daquele grupo. Essa questão se evidencia nos diversos textos em que Serejo aborda sobre a fé, as superstições, as lendas e os hábitos mantidos por aquele grupo, que interferiam direta e indiretamente nas atividades do dia a dia. Tais manifestações culturais, por outro lado, também se desenvolviam a partir das próprias atividades que os trabalhadores exerciam.

Identifica-se, portanto, que a educação ali desenvolvida, no próprio trabalho e nas trocas culturais, tratava-se, respectivamente, de uma educação não-formal e de uma educação informal. Sobre as diferentes “versões” da educação, Cury (1985) distingue três:

- Educação informal: desenvolve-se desde que o homem nasce e ocorre ao longo de toda a vida. São interpretações da realidade já colocadas no meio social que, uma vez interiorizadas pelo sujeito, constituem sua visão de mundo. A família, o cotidiano, as experiências de vida são fontes informais de educação;
- Educação formal: é aquela desenvolvida principalmente na escola e em outras instituições que contribuem para a manutenção do mundo da produção. Tais

instituições são estruturadas hierárquica, cronológica e burocraticamente, ou seja, têm toda uma organização que atende a diretrizes, objetivos e normas devidamente formalizados;

- Educação não formal: embora tenha uma organização mais definida, como na educação formal, com objetivos preestabelecidos, emerge das necessidades cotidianas dos sujeitos e se desenvolve por diferentes meios, como os de comunicação, os projetos de saúde e higiene públicas, a publicidade etc.

Gohn (1999) contribui para a diferenciação da educação informal em relação à educação não formal. A primeira ocorre com uma certa espontaneidade e possui caráter permanente. A segunda, por sua vez, apresenta a intencionalidade no sentido de buscar determinadas qualidades e/ou objetivos para situações pontuais.

No caso da educação desenvolvida no trabalho, tratava-se de uma educação não formal, tendo em vista que havia um objetivo implícito nessa formação, qual seja, instruir os trabalhadores para as funções específicas. No caso das trocas culturais realizadas naquele espaço, também havia uma educação informal, que embora não se desenvolvesse a partir de objetivos específicos, também contribuía para a formação daquele homem da fronteira sul de Mato Grosso com o Paraguai.

Considerações finais

A análise realizada revela a complexidade das relações sociais estabelecidas nos ervais mato-grossenses. Havia ali um intercâmbio cultural significativo que configurou um processo educativo singular, o qual trazia elementos da cultura guarani, ao mesmo tempo em que se organizava segundo a divisão manufatureira do trabalho. Tal processo também era permeado por costumes e crenças que envolviam conformação e resistência.

As práticas do trabalhador paraguaio traziam muito de sua cultura, mas é notável que contribuíram para o desenvolvimento daquela atividade econômica. Pode-se analisar, diante dessas questões, que o conhecimento especializado que os trabalhadores detinham lhes possibilitou manterem sua cultura, mas não representou prejuízos à empresa. Pelo contrário, a cultura guarani se estabeleceu nos ervais até a medida do possível, até o momento em que o trabalhador, buscando se desvencilhar daquela situação – como nas tentativas de fuga – recebesse a “punição” por “não ter cumprido” a sua parte no contrato estabelecido.

As manifestações culturais do trabalhador dos ervais tanto eram determinadas pelas suas condições de existência, quanto eram constitutivas dessas mesmas condições. Em outras palavras, não havia ali uma passividade que reduzisse esses homens a um mero reflexo das suas limitações objetivas, já que eles também encontravam, nessa mesma objetividade, possibilidades de defender o seu modo de vida, estabelecendo algumas resistências. É uma subjetividade modificada continuamente, determinada pelas condições concretas, numa dinâmica de limites e possibilidades, de negação e afirmação.

A partir do estudo realizado, é possível ainda extrair da obra de Hélio Serejo elementos referentes a uma educação não formal – relativa ao conhecimento técnico de seu trabalho -, e a uma educação informal – relativa aos demais elementos culturais, como

a religião, os costumes, a linguagem utilizada, enfim, os aspectos que vieram a compor uma visão de mundo própria daquele grupo e que permeava o seu trabalho e a constituição de sua subjetividade.

Quanto à relevância de estudos com fontes da historiografia memorialística, revela-se que obras como as de Hélio Serejo podem conter minúcias do dia a dia dos grupos sociais que não estão colocadas em outras fontes. A análise dessas memórias, quando realizada com o devido rigor (trazendo outras fontes e estudos e entrecruzando os dados) pode contribuir sobremaneira com as pesquisas em História da Educação. Há muito a ser explorado nos registros deixados por autores que, atentos aos acontecimentos ao seu redor, deram voz a grupos muitas vezes anônimos na historiografia.

Referências

- ALVES, G.L. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: ALVES, G. L. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: UNIDERP, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CENTENO, C.V. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- CORRÊA, L.S. *A Fronteira na História Regional: o sul de Mato Grosso (1870-1920)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 1997.
- CORRÊA, V.B. *Fronteira Oeste*. Campo Grande: UFMS, 1999.
- CURY, C.R.J. *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.
- FERNÁNDEZ ENGUITA, M. *Trabalho, escola e ideologia. Marx e a crítica da educação*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- FRAGOSO, J.L. Economia brasileira no século XIX: mais do que uma *plantation* escravista-exportadora. In: LINHARES, M.Y. (Org.) *História Geral do Brasil*. 9. ed. rev. atual.. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 144-87.
- GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEÓNTIEV, A.N. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 425-70.
- _____. O homem e a cultura. In: LEÓNTIEV, A.N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978. Disponível em: <http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/todososartigos.html>. Acesso em: 22 fev. 2010.

PIMENTEL, A. O Método da Análise Documental: Seu uso numa pesquisa historiográfica. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 179-95, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>. Acesso em: 12 set. 2007.

SAVIANI, D. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. In: DUARTE, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SEREJO, H. Carai. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Obras completas de Hélio Serejo – v. 6*. Campo Grande: IHGMS, 2008, p. 9-161.

TOLEDO, C.A.A.; GIMENEZ, J.C. Educação e pesquisa: fontes e documentos. In: CASIMIRO, A. P. B. S.; LOMBARDI, J. C.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). *A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória*. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 109-25.

Recebido em novembro de 2012
Aprovado em março de 2013